

O caso da tolerância

GERALDO FORBES

A recessão, o desemprego e o achatamento salarial estão na ordem do dia. Quando se pensa que por trás dos números há gente e quando se lê que cresceu o percentual de miseráveis no rico Estado de São Paulo, ninguém, pode deixar de se angustiar com essa situação.

A culpa disto não é só do novo governo. Entretanto, a temerária e impiedosa estratégia adotada à míngua de outros meios ou idéias, na — reconheça-se — decidida luta contra inflação, só faz agravar um quadro social extremamente dramático. Lembra a do cavalo do inglês, mas trata-se do homem do Brasil.

A recessão deliberadamente provocada (como se fosse antídoto perfeito para a inflação) é uma medida extrema. Equivale à política de terra arrasada. É uma infelicidade que o presidencialismo forte e o Congresso débil tenham permitido a um círculo restrito de pessoas fazer tão grave e arriscada aposta; jogando com a vida de todos os brasileiros. Sem consultas e sem responsabilidade. E mesmo

admitindo-se a boa fé e as boas intenções dos autores, restam indiscutíveis a incerteza de seus efeitos e a enormidade de seus custos.

Ela só se explica — mas não se justifica — pelo desespero causado pela renitente inflação, aparentemente imune a qualquer tratamento conhecido e ainda a pauladas, pacotes, choques e congelamentos. A estas alturas do campeonato, esgotados remédios e mágicas, parece certo que os agentes econômicos buscam a inflação, como o viciado procura a droga, com resultados bastante semelhantes.

Está virando lugar comum, destes repetidos ad nauseam pelos sábios de carteirinha, dizer-se que o "organismo nacional" adquiriu tolerância ao vírus inflacionário. Nada mais errado. Milhões de mulambos em milhares de favelas gritam o contrário. A inflação, se não mata, aleija.

O certo seria dizer que a sociedade tem sido tolerante com os gastos dos governos, e estes têm sido tolerantes com os abusos dos poderosos. O povo indefeso odeia o bicho que há anos lhe chupa o sangue. Já os grandes e até os médios aprenderam a se defender e

depois a viver da inflação. Agora, além de desejá-la, a produzem.

O rentista se ceva nela, o banqueiro é seu prozeneta, o comerciante, seu cásten, o industrial, gí-gold. Já faz tempo que é assim e os lucros fabulosos estão aí para comprovar. E se não bastar, que se vejam os absurdos aumentos de preços erigidos por toda a cadeia produtiva e distributiva nesses últimos dois meses. Um escândalo.

A onda liberal, que finalmente atinge estas paragens, na qual impera e emperra a burocracia, precisa ser bem entendida para que não se transforme em licença de esbulhar. Os mecanismos de mercado funcionam muito imperfeitamente em uma economia tão oligopolizada como a nossa e a mão invisível, por enquanto, tem de ser fortemente ajudada pela mão do gendarme, visível e pesada na coibição desse lenocínio.

O que não pode continuar é a tolerância, vizinha da convivência e filha da decadência ética. E além do bordel de preços, ajuntem-se ao index o crime organizado e a corrupção política.

A onda de seqüestros e assaltos que atemoriza cidades inteiras é o justo fruto da leniência de toda

a sociedade, com contraventores e traficantes e de sua indiferença à corrupção da polícia e do Judiciário.

A promiscuidade divertida dos cariocas com notórios quadrilheiros transformou-os de patronos de escolas de samba em figuras importantes na vida social do Rio, grandes eleitores de deputados e governadores e, por isto, árbitros de nomeações em todo o aparelho estatal. No vácuo da permissividade sofisticada, os bandidos se enquistaram e deitaram raízes por toda a parte, e agora muitas luas passarão sobre as águas da Guanabara até que se consiga ter as leis restauradas e os cidadãos protegidos. Como em Medellín.

Com igualmente perigosa indiferença, estamos cansados de ver notícias sobre corrupção e sobre saturamentos em obras públicas, sem jamais haver punições de culpados. É coisa antiga e endêmica. Todo mundo sabe que os grandes financiadores de campanhas eleitorais são as firmas empreiteiras. Podem se contar nos dedos das mãos os legisladores e os chefes de Executivos (de todos os níveis, quanto mais alto pior) que não receberam dinheiro dessas

fontes. E que não as repagaram depois de eleitos, as expensas dos contribuintes. Crime gerando crime.

Virtualmente nenhum político pode atirar a primeira pedra, porque corre o risco de mandar seu rabo preso junto com a bola. E não vale a desculpa que o dinheiro não é para uso pessoal, mas para a campanha, porque sua origem continua sendo a fraude fiscal e contratural.

Ora, no delito de corrupção há sempre dois implicados — quem recebe e quem paga — e se quisermos ao menos diminuir essa prática, que avacalha a democracia e hipoteca o Estado, vamos ter de baratear as campanhas diminuindo seus prazos e as circunscrevendo a distritos. Além, é claro, de controlar os bilionários trens pagadores com auditorias externas e punições severas.

A assombrosa opulência dos donos das grandes construtoras, tanto quanto a espantosa arrogância dos capitães do Comando Vermelho são produtos de nossa tolerância com seus crimes, que ameaçam de forma diversa, mas em igual intensidade, as instituições.

Não é exagero retórico dizer que o Brasil vive um momento capital. Nossos três grandes inimigos são a inflação, a corrupção e o crime organizado. São eles ou nós. E a aúroa do futuro só virá depois do ocaso da tolerância.

Um poquinho de intolerância, por favor.

NOTAS

1 — Sobre os 500 milhões de dólares sem concorrência para o programa de emergência do DNER, de duas uma: ou o presidente demite o secretário de Transportes Marcelo Ribeiro ou o ministro Ozires Silva tem de se demitir. Se ficar como está, é porque são todos farinha do mesmo saco.

2 — O senhor João Santana também está na obrigação de dar plenos esclarecimentos sobre a suspeitíssima dispensa do liquidante da Portobrás.

3 — O senhor Robson Tuma é candidato a deputado sob o tema "Austeridade lema nome". Para todo mundo saber, pregou dezenas de outdoors pela cidade, na visivelmente mais cara de todas as campanhas. Estranha essa austeridade.

Geraldo Forbes é membro do Conselho do Instituto de Estudos Avançados da USP.